

MÉSZÁROS, ISTIVÁN. PRODUÇÃO DESTRUTIVA E
ESTADO CAPITALISTA. TRADUÇÃO: GEORG
TOSCHEFF E MARCELO CIPOLLA. SÃO PAULO,
EDITORIA ENSAIO, 1996.

Por Justino de Sousa Junior*

*"E todos aqueles que na inimizade,
Com manobras inequívocas, astuciosamente
Convertem para o próprio uso o trabalho
Do seu próximo, bondoso e imprudente,
Foram chamados velhacos; mas não se fale esse nome:
Os industriais sérios eram a mesma coisa.
Todos os ofícios e lugares conheciam alguma trapaça,
Não havia vocação sem fraude".
(Mandeville)*

Enquanto esperamos a publicação integral no Brasil de "Beyond Capital" - publicada originalmente em 1995 na Inglaterra - que é considerada a obra magna de um dos mais fecundos pensadores marxistas vivos, temos a oportunidade de conhecer uma parte importante dessa obra que são justamente os capítulos 15 e 16 publicados sob o título: **Produção Destrutiva e Estado Capitalista**.

Mészáros aborda nestes dois capítulos um dos problemas essenciais do capitalismo como sistema produtivo, o qual assume proporções assombrosas nos dias de hoje, ou seja, justamente a incrível capacidade destrutiva do sistema produtor de mercadorias. Em realidade, trata-se antes, da destruição, de uma imperiosa necessidade, exatamente como busca do equilíbrio entre produção e consumo - equação improvável para a racionalidade do capital, que acaba submetendo a maioria da população mundial à escassez, ao passo que produz grandiosamente desperdício e destruição.

Nesses breves - porém contundentes - capítulos, Mészáros procura demonstrar, desde uma discussão em que traz à tona pensadores que remontam os primórdios da industrialização, como Babbage, e Mandeville, como "...a medida da progressão do 'capitalismo avançado' se tornou a eficácia com que o desperdício pode ser gerado e dissipado em escala monumental." (p.22)

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG e professor da Universidade Estadual do Ceará.

De acordo como coloca o autor, os pensadores dos primórdios da industrialização tinham um verdadeiro entusiasmo para com a incomensurável capacidade da produção capitalista de crescentemente superar seus próprios obstáculos e eram historicamente impedidos de perceber toda a crueldade da natureza contraditória da produção capitalista, que se mostraria com força no século XX:

"...o fato de que, em sua tendência geral, o modo capitalista de produção é inimigo da durabilidade e que, portanto, no decorrer de seu desdobramento histórico, deve solapar de toda maneira possível as práticas produtivas orientadas para a durabilidade, inclusive comprometendo deliberadamente a qualidade." (p. 25)

Sem se afastar jamais da compreensão fundamental da Crítica da Economia Política, que aponta a natureza necessariamente contraditória e auto-expansiva do capital, Mészáros avança e procura demonstrar que a *"mudança estrutural no ciclo de reprodução capitalista, não prevista por Marx, é consumada pela transformação radical da produção genuinamente orientada para o consumo em destruição."* (p. 106)

Ainda em termos da relação com Marx, Mészáros faz uma leitura, certamente polêmica, considerando que Marx acreditava que a crescente ampliação da circulação - um processo empiricamente verificado na época - seria um fenômeno emancipador em si mesmo. Segundo Mészáros, sempre a partir dos *Grundrisse*, para Marx, o desenvolvimento da produção acarretaria continuamente uma ampliação da circulação e conseqüente ampliação das necessidades - donde a positividade do desenvolvimento das forças produtivas. Mészáros reconhece nisso uma limitação histórica de Marx e propõe uma postura crítica frente à força da produção capitalista. Ele coloca que:

"Neste sentido, as 'necessidades historicamente criadas' que substituem as naturais sob as pressões da produção generalizada de mercadorias, são extremamente problemáticas e devem por isso ser radicalmente questionadas do ponto de vista da advogada emancipação socialista, que elas não só não antecipam necessariamente, mas à qual vivamente se opõem". (p. 102)

Insistindo mais uma vez neste ponto, e para demonstrar a posição de Mészáros frente à permanente combinação da exploração de mais-valia relativa e absoluta, mesmo com todo o desenvolvimento técnico-científico - sendo portanto aquela última sempre *"o ponto de partida e o fundamento material necessário para a variante mais refinada"* - bem como para demonstrar sua posição frente às possibilidades de superação da sociabilidade do capital, vejamos mais uma citação:

"O fato de que o capital possa continuar a acumulação por meio da mais intensa exploração de mais-valia absoluta e relativa e, ao mesmo tempo (ao contrário das bem fundadas expectativas de Marx no século XIX), estar longe de ser inexoravelmente levado a 'ampliar a periferia da circulação', significa que os limites para a expansão do capital estão significativamente estendidos e que as condições objetivas (grifo nosso) de saturação da estrutura global das operações lucrativas do capital qualitativamente redefinidas."

E prossegue afirmando que "as tendências que apontam para a necessidade de uma alternativa socialista estão efetivamente bloqueadas enquanto as condições recém-criadas prevaleçam, habilitando o capital a manter seu controle sobre o metabolismo socioeconômico, graças à adequada refiguração da linha de menor resistência." (p. 115)

Mészáros acertadamente vem enfatizar a capacidade e necessidade destrutiva que a produção capitalista desenvolve, especialmente neste século, bem como a incapacidade, inclusive de Marx, dono de um pensamento também histórico, de verificar isto. No entanto, segundo aquele autor, Marx não só não pôde perceber que a partir de um dado momento o capital encontraria outras maneiras de realizar a mais-valia sem expandir a periferia da circulação - através de métodos destrutivos -, como tinha uma posição verdadeiramente ingênua a respeito da tendência emancipadora do desenvolvimento produtivo. É no mínimo problemática essa consideração: dificilmente poder-se-á afirmar que, para Marx, o mero desenvolvimento das forças produtivas era em si mesmo emancipador, do ponto de vista da emancipação social contra o capital.

À parte, uma posição que pode ser talvez considerada pessimista, não observando as condições subjetivas, mas sublinhando apenas as condições objetivas, pelo menos em **Produção Destrutiva e Estado Capitalista**, Mészáros persegue no núcleo do processo produtivo capitalista contemporâneo as explicações, senão para todos, porém para os mais graves problemas da sociedade deste fim de século. Ele não encontra senão o desenvolvimento das mais essenciais contradições do capitalismo e demonstra aquela que, segundo ele, é a mais profunda transformação ocorrida no capitalismo da era de Marx até aqui: o fato de que "*a expansão da periferia da circulação e o crescimento do valor de uso correspondente às necessidades humanas não são mais requisitos necessários da reprodução ampliada.*" (p. 131)

É aí que aparece o complexo militar-industrial como a maneira mais eficaz de o capital "*romper o nó górdio de como combinar máxima expansão possível com taxa de utilização decrescente mínima*" (p. 118) O complexo militar-industrial é o meio pelo qual a produção capitalista pode dar vazão a seu ímpeto produtivo sem os mesmos riscos da crise de superprodução.

Se essencialmente o capitalismo não conseguia diferenciar consumo e destruição (“...o sistema do capital ...não consegue diferenciar o crescimento de uma criança do crescimento de um câncer (pois) Nos termos das equações práticas redutivas do capital – bem como em suas tortuosas racionalizações teóricas – os dois devem ser reduzidos ao mesmo denominador comum: a ‘produtividade das células’.”(p.66) com a produção militar-industrial estas categorias se tornam ainda mais indistintas

Este tipo de produção (militar-industrial) desconhece qualquer limite possível imposto pelas formas convencionais de consumo, portanto, deste ponto de vista, ele é absolutamente ilimitado, além de ser uma forma até aqui insuperável, segundo o volume de negócios, de realização do capital.

A mais absurda forma de produção de desperdício, portanto, encontra base desde quando se separam valor de uso e valor de troca. Daí um pequeno passo para o entendimento segundo o qual o comprador passa a consumidor, do que resulta que uma mercadoria pode ser considerada consumida apenas tendo sido comprada, mesmo sem que tenha tido efetivamente nenhuma utilidade no sentido de atender ao uso humano mesmo.

O complexo militar-industrial foi, segundo o autor, não apenas o mais poderoso meio de deslocar as crises decorrentes das inevitáveis rupturas entre produção e consumo, como foi o verdadeiro paladino da expansão do pós-guerra. Segundo Mészáros, as primeiras tentativas de enfrentar as crises de superprodução através do complexo militar-industrial são de antes da Primeira Guerra, fato denunciado na época por Rosa Luxemburgo. Mas é depois da Segunda Guerra Mundial que o complexo militar-industrial passa a ocupar papel de destaque no processo de acumulação, tomado como referência a partir dos “milagres econômicos” de Hitler pós-33. “*Desta maneira, ('e apesar de todas as autocomplacentes mitologias keynesianas e neokeynesianas') as várias estratégias do keynesianismo foram antes complementares à expansão desembaraçada do complexo militar-industrial, do que independentemente aplicáveis a condições verdadeiramente produtivas e também socialmente viáveis.*”(p.119).

Para o autor o Estado cumpre papel importante perante esta forma de produzir desperdício, exatamente possibilitando a “legitimação da oferta atual pela ‘demanda’ fictícia”, e assumindo como “demanda da nação” aquilo que é uma imposição do capital com sua conivência. O Estado é um “serviçal” que além de tudo incrementa “orçamentos militares à prova de inflação, às custas de todos os serviços sociais e das reais necessidades humanas.” Isto para não lembrar do financiamento da “pesquisa básica” e o patrocínio até mesmo de grandes corporações para renovarem seu maquinário ou seu instrumental produtivo.

Poder-se-ia questionar a concepção de Estado que subjaz às análises de Mészáros pois, de acordo com ele, o Estado segue mesmo sendo, em última instância, parte integrante no sentido de colaborar com o processo de deslocamento das contradições do capital. Pelo que ele deixa entrever, esta tem sido historicamente uma tarefa assumida pelo Estado, obviamente não sem dificuldades políticas.

A grande força das análises de Mészáros está exatamente no método segundo o qual reconhece nos processos produtivos o cerne das principais questões da atualidade. Isto lhe permite ir além do neokeynesianismo e da "fé servil" numa possível volta ao Estado de bem-estar. Segundo ele, o capital cumpriu muitíssimo bem sua tarefa de separar "trabalhador" de "consumidor de massa", de modo que a realização da mais-valia pelas mais diversas formas de dissipação e destruição independe de melhorar o poder aquisitivo das massas, como prescinde até mesmo de parcelas destas como mão de obra necessária, pois a taxa de utilização decrescente atingiu, além de bens e serviços, instalações e maquinaria, também a própria força de trabalho.

Este método é que permite a Mészáros não se enganar com respeito à centralidade dos processos produtivos e reconhecer que toda a expansão do consumo e dos serviços sociais do welfare state foi possível em primeiro lugar como concessão do próprio capital, permitida pela incrível expansão do pós-guerra e, em segundo e combinado ao primeiro, graças ao poder de pressão das classes trabalhadoras. Isto constitui num problema para os setores que hoje o máximo a que conseguem chegar é à proposição de uma melhor divisão da renda na forma de "direitos sociais". Primeiro porque, segundo os indicadores atuais, o capitalismo está longe de retomar um período de expansão e, se o fizer, jamais será nas mesmas bases do pós-guerra. Segundo porque todas as derrotas do século XX, tanto do socialismo real quanto do welfare state demonstram que aos trabalhadores e excluídos em geral não cabe mais um papel secundário de assegurar migalhas que sobram dos altos lucros do capital, que a qualquer hora podem ser retomados, mas cumpre realizar sua tarefa histórica mesma: emancipar-se do capital.